

Marcelo Almeida do Nascimento

*“Pule um poço logo após a ponte romana em direção a Larrazoaña. Siga pelo caminho verde até o primeiro miliário. Dali, vire a esquerda e caminhe por uma trilha ladeada por bétulas, salgueiros e teixos, até avistar algumas grutas próximas da Catedral de Eunate à esquerda. Entre na segunda gruta. No fundo dela você verá três pedras de tamanhos diferentes. Procure aquela que não seja nem a maior, nem a menor. Levante-a e cave cerca de meio metro. Você encontrara uma caixa de ferro e lá dentro toda a verdade que eu espero que você compreenda. Um beijo eterno de sua mãe que nunca te esqueceu, Helena.”*

O mapa estava escrito em um papel de carta fino, com letras trêmulas, mas bastante legíveis. Li duas vezes antes de devolvê-lo a minha interlocutora, Anna, uma mulher magra, de estatura baixa, beirando os cinquenta anos, de olhos pequenos atrás de óculos de aros redondos que achei inapropriado para o seu rosto fino e angulado.

Ela me procurou após receber aquela correspondência vinda de uma cidade ao sul da Itália. Quem assina, ou assinou, era sua mãe, que morreu em um asilo particular vítima de Alzheimer naquele país. Ela e o marido, pai da minha frágil visitante, haviam desaparecido há mais de trinta anos durante a terceira peregrinação que faziam pelo caminho de São Tiago de Compostela, na Espanha. Ambos foram dados como mortos após anos de investigação, embora seus corpos nunca tenham sido encontrados.

E depois de tantos anos ela recebeu aquela carta. Viajou imediatamente para a França e descobriu que sua mãe passou os últimos cinco anos de vida naquele asilo, onde escreveu a carta e pediu que ela fosse encaminhada a sua única filha quando morresse. Por lá, descobriu que sua mãe deu entrada espontaneamente e sem documentos. Alegou morar sozinha na Europa e não queria que a filha fosse incomodada, pagando as despesas do local com dinheiro de uma conta ainda polpuda que mantinha em um banco na capital italiana.

De lá rumou para a Espanha e seguiu o mapa indicado na carta. Confirmou todo o caminho, encontrando um poço da época do império romano em desuso e protegido por uma fileira de tijolos aparentes, já danificados pela passagem dos anos, passou pelo miliário ainda em riste, pela trilha ladeada pelas plantas, até chegar a um grupo de grutas próximo a catedral. E lá desencavou a caixa enterrada como sua mãe havia escrito. Porém, o que encontrou não foi uma outra carta, bilhetes, nada disso. Apenas fotos. Muitas fotos. Algumas desbotadas pela ação do tempo.

Fotos de lugares diversos. Monumentos europeus, parques americanos e até de praias da Polinésia e desertos asiáticos. Sua mãe nunca era clicada nas fotos. Vez ou outra apareciam homens fazendo pose. Alguns se repetiam em lugares diferentes. Outros apareciam em uma única foto, mas nenhum deles era o seu pai. Por serem antigas, as fotos marcavam a data de sua revelação. Assim, e pelos trajes das pessoas capturados nelas, foi fácil constatar que as fotos foram tiradas ao longo desses trinta anos... Provavelmente pela sua mãe.

Assim estava Anna em meu escritório, órfã recente de uma mãe dada como morta há anos, com um mapa, fotos e um terrível ponto de interrogação sobre sua cabeça, desejando esclarecer tudo aquilo. Descobrir o que aconteceu com o seu pai, como sua mãe foi parar em um asilo na Itália, como ela passou por todos esses lugares nos últimos trinta anos e nunca foi descoberta.

Verifiquei que não havia muito a se fazer. As únicas pistas que Helena deixou davam conta de que ela não morreu, e sim viveu no anonimato por vários países ao longo de três décadas. Não havia indícios do que aconteceu com o pai de Anna nem o que levou Helena a ficar todo esse tempo incomunicável. Não respondi se aceitaria ou não investigar o caso. Disse-lhe apenas que iria pensar. E quando digo pensar, digo comer.

Não consigo fazer o cérebro trabalhar com o estômago vazio. E quando estou empertigado com algum problema costumo visitar uma amiga de longa data, Teresa Joaquina, Quininha para os íntimos, que teve a coragem de desistir de uma carreira diplomática no Itamaraty para se dedicar ao que realmente gosta: Gastronomia.

Encontrei-a na cozinha de sua pequena e aconchegante confeitaria na Praça Buenos Aires, no exato momento em que preparava uma leva de *cupcakes*. Enquanto a auxiliava limpando com os dedos a vasilha onde ela havia preparado um creme belga com amoras e morango para rechear os bolinhos, contei a ela sobre o meu, talvez, futuro trabalho e os mistérios que o cercavam.

Ela demonstrava não estar prestando atenção. Parecia absorta durante o cirúrgico processo de recheio dos bolinhos. Até que, após finalizar sua assadeira, virou-se para mim e piscou rapidamente seus lindos e arredondados olhos castanhos:

- Que coisa mais sem sentido, você não acha? Ora, não se pula um poço, mas sim se passa ou se desvia de um poço. Por que ela escreveu pule um poço? Isso sim é misterioso. De resto, tá na cara que ela estava cheia do marido, livrou-se dele, pegou uma boa grana e saiu torrando. Ah, tenho certeza de que este é o sonho de doze entre dez mulheres casadas: Se livrar do marido, dos filhos e viajar feliz pelo mundo afora.

Fazia sentido o que ela havia me dito. Muito sentido. Era lógico e racional. O poço. Ela iniciou a trilha até as grutas pelo poço. Não precisava fazer isso. E porque ela usou o verbo pular e não passar ou apenas citar o local? Imediatamente raciocinei que ela poderia ter cometido um ato falho, talvez consciente desejando revelar o que havia feito, ou até mesmo inconsciente em virtude da doença, mas o fato é que o poço era um ponto crucial a ser esclarecido.

Liguei para Anna e lhe fiz algumas perguntas. Ela me respondeu que quando esteve na Espanha não observou o fundo do poço. Disse que quando seus pais desapareceram uma soma bem vultosa de dinheiro também sumiu da conta bancária deles, mas a tecnologia daquele tempo não rastreou o destino dos valores. De fato eles não se davam bem, e chegou a presenciar várias brigas. Expliquei-lhe o que a minha amiga cozinheira havia me dito e lhe pedi para voltar até o poço.

Dias depois, enquanto jantava com a minha amiga “*chef detetive*” em um agradável bistrô francês nos Jardins, recebi uma ligação internacional de Anna. Com a voz embargada, ela me disse que a Polícia Espanhola encontrou os restos mortais do corpo de um homem dentro do poço, que logo reconheceu como sendo de seu pai por causa da corrente de ouro que ainda estava em seu pescoço.

Os legistas lhe disseram que ele havia morrido em decorrência de um golpe na cabeça e jogado dentro do poço. Durante a retirada do corpo, encontraram também vários passaportes com nomes e nacionalidades diferentes. Os danos eram mínimos, indicando que foram jogados ali muito tempo depois do corpo, e era possível identificar na foto de todos eles sua mãe, Helena.

Anna suspirou e chorou contida. Após tantos anos descobriu que a mãe matou o seu pai, fugiu com o dinheiro e foi viver a vida como ela desejava viver. E antes de morrer decidiu revelar a verdade, ou pelo menos parte da verdade, ao que ela me agradeceu por ter lhe pedido para retornar até o poço.

Comentei a solução do caso com a minha amiga, que demonstrou ter ficado feliz por ter ajudado:

- Viu? - perguntou ela - Jamais pule um poço. Ele pode revelar muitas verdades.